



Reconhecendo e dilatando – caminhos somáticos
Um relato de experiência de aulas de dança no projeto de extensão
compartilhando vivências da universidade estadual do rio grande do sul

Bruno Parisoto¹

bruno.parisoto1@gmail.com

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS

Aline da Silva Pinto²

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS

Sílvia da Silva Lopes³

silvia-lopes@uergs.edu.br

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS

Resumo: Este relato apresenta a minha experiência docente de quatro encontros ministrados no Projeto de Extensão Compartilhando Vivências da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. As atividades realizadas foram organizadas conforme as percepções do professor sobre as necessidades da turma e sua experiência técnica em dança, buscando proporcionar um momento, como intitulado pelo projeto, de compartilhamento de vivências corporais. Os encontros aconteceram nas sextas-feiras no turno da tarde, com uma hora e meia de duração. Dentre os inscritos transitavam desde acadêmicos a comunidade geral, em variadas idades. O tema escolhido foi educação somática, e a construção de possíveis caminhos para pensar a dança na contemporaneidade. As abordagens foram de cunho teórico-prático, abrangendo momentos de apreciação, execução e contextualização dos materiais apresentados. Por fim, o projeto tornou-se relevante pois proporcionou a reflexão sobre a atividade docente, no momento que instigou a (re)pensar metodologias, planejamentos, avaliação, e toda ação pedagógica conforme as necessidades de cada indivíduo.

Palavras-chave: Metodologias; educação somática; dança contemporânea.

Conhecendo os caminhos do projeto

Este relato de experiência trata de quatro encontros ministrados por mim em um projeto de extensão intitulado Compartilhando Vivências da Universidade Estadual

¹ Graduando em Dança: Licenciatura pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, possui cursos nas áreas da dança, teatro e música. Atualmente é monitor bolsista do componente curricular de Elementos Musicais para Dança, bolsista voluntário de Metodologia e Prática de Ensino da Dança II. Integra em dois projetos de extensão como bailarino (Transeuntes) e como professor (Compartilhando Vivências), atuou como bolsista de iniciação à docência – PIBID no primeiro semestre de 2014.

² Professora orientadora, coordenadora do projeto de extensão Compartilhando Vivências – UERGS/RS.

³ Graduada em Educação Física-Licenciatura pela ESEF do Instituto Porto Alegre. Especialista em Fisiologia do Exercício com pesquisa na área da dança. Mestre em Educação com pesquisa na área da dança: “Para Além da Técnica: Estratégias Pedagógicas de Três Professoras de Dança ou a Presença Como Modo de Estar ali”. Professora e coordenadora do Curso de Graduação em Dança: Licenciatura da UERGS.



do Rio Grande do Sul. Cabe ao professor-bolsista construir um planejamento de unidade, planos de aula, e escrever diários de campo de cada encontro, orientado pelas professoras responsáveis. De forma geral, o objetivo é estar compartilhando conhecimentos da minha experiência em dança com os sujeitos do projeto, que aqui vou chamar de “videntes”, levando sempre em consideração o contexto de cada um, visto que a turma se constitui de forma híbrida.

Reconhecendo os integrantes

O que não podemos esquecer é que as pernas com as quais danço são as mesmas com que ando, corro, caio ou brinco desde criança. Nesse sentido, a experiência de uma vida pode ser traduzida, por exemplo, no simples gesto de erguer um braço ou uma perna (VIANNA, 2005, p.125).

O primeiro encontro foi planejado e realizado de forma a diagnosticar o espaço e com quem eu estaria me relacionando nos momentos posteriores, e introduzir a abordagem que venho me apropriando nos últimos anos para pensar/executar a dança. Sendo assim propus algumas atividades de apresentação e conscientização corporal. Trabalhamos com escultura em massinha de modelar, atividades com lã, deixei, ainda, em todos os encontros, diversas bolinhas de plástico espalhadas pela sala, sem qualquer indicação do por que delas. Experimentamos formas de respiração, relaxamento, observação do colega, organização corporal, dentre outros exercícios somáticos. Busquei neste primeiro momento trazer bastantes materiais, palpáveis, em virtude de se tratar de uma abordagem somática, que por sua vez, para alguns, apresentasse muito abstrata, tentei, então, tornar as propostas mais acessíveis por meio de materiais diversos comuns ao dia-a-dia daqueles videntes, e não me focar muito em questões muito profundas de experimentação.

Desta forma construí uma primeira avaliação de onde me encontrava e com quem estava compartilhando vivências, a maioria era jovem, com pouca experiência em dança, e quando possuía estava limitada a aulas de academia, com metodologias tradicionais, focadas em passos de dança e sequências coreográficas. Assim, encontrei minha linha de trabalho, onde busquei, principalmente, conscientizar o corpo que dança, e articular questões contemporâneas da dança com aqueles indivíduos. Proponho, portanto que



[...] o trabalho com dança em situação educacional baseada no contexto dos alunos seja o ponto de partida e aquilo a ser construído, trabalhado, desvelado, problematizado, transformado e desconstruído em uma ação educativa transformadora na área da dança (MARQUES, 2011, p.100).

Estar reconhecendo e articulando com o contexto e a bagagem histórico-cultural de cada vivente foi essencial para as escolhas pedagógicas, principalmente no que tange aos conteúdos e metodologias. Encontrar sentidos para aquele momento de encontro, e possibilitar que os conhecimentos que eu estava propondo fizessem sentido a vida de cada um, de forma a integrar a dança as questões do cotidiano de cada indivíduo.

Uma abordagem de dentro para fora

Os encontros eram teórico-práticos, e tentei construir uma progressão de assuntos a partir de questões da anatomia humana, onde iniciamos o trabalho de um modo geral, enfocando questões do tecido epitelial, prosseguimos no segundo encontro com atividades relacionadas ao tecido muscular, no terceiro encontro com sistema esquelético e no último uma abordagem geral do corpo como unidade integrada, organizada, e isto inclui todos aspectos psicofísicos (corpo-mente). Uma das questões norteadoras dos encontros era encontrar esse corpo que é vivo, presente, e se move no aqui e agora, que

[...] não pode ser desdobrado diante de nós como se fosse um tecido exposto no balcão de vendas. O nosso corpo existe conosco, é a nossa fonte de comunicação e relação com o mundo e a vida, é o que ele [Merlau-Ponty] chama de "corpo-próprio" (DASCAL, 2008, p.45).

Os planos de aula contavam sempre com diversas atividades, todavia, estas possuíam tempos não específicos, e podiam ser conduzidas conforme as respostas da turma para a proposta, ou seja, determinado dia podia fazer todo plano, outro dia ficávamos nas primeiras três atividades de oito pensadas, e ainda assim conseguíamos investigar os objetivos propostos para aquela aula, desta forma, possuía-se um plano, um estrutura, mas esta era maleável, permitia-se aderir ao acaso, a improvisação e as necessidades do momento, afinal ensinar exige saber escutar e disponibilidade para o diálogo (FREIRE, 1996).



Busquei trabalhar com matrizes de movimento, principalmente relacionados às culturas brasileiras, como movimentos de vibração, enraizamento, conscientização dos apoios dos pés, espaços articulares, ondulações, questões que abrangem uma grande gama de movimentos nas mais variadas culturas de dança, e do próprio movimento, inclusive em diferentes momentos históricos e espaços geográficos. Não abordei, portanto, códigos específicos (tivemos apenas um momento na última aula que trabalhamos com o plié e o tanlié), mas organizações corporais possíveis para as mais variadas manifestações.

A estrutura do encontro era sempre a mesma, iniciávamos com uma parte teórica-apreciativa em datashow, onde apresentava vídeos ou as questões de anatomia humana, depois começávamos a parte prática com respiração no plano baixo, construindo um estado de presença e de observação do corpo, aos poucos chegávamos ao plano médio e alto, onde se dava início a uma caminhada, com diferentes instigações orais oferecidas por mim, como, por exemplo, usar diferentes apoios para caminhar, chão queimando, chão de terra macia, etc. Após variadas caminhadas, propunha também um breve alongamento dos membros superiores, assim estávamos aquecidos e alongados para os jogos e exercícios de maior dinâmica, e exigência muscular. De fato, respeitar o corpo, conhecer os limites e necessidades era o maior objetivo de todos os encontros, a escuta do corpo.

O desafio parece ser o seguinte: deflagrar o processo de ensino-aprendizagem de técnica em dança, não como uma camisa-de-força que precisa ser adquirida, mas como um instrumento que possibilite a aquisição de liberdade para dança (SILVA apud DASCAL, 2008, p.18).

Terminávamos sempre com um relaxamento. Trabalhamos, também, com a cumplicidade, principalmente através de exercícios de coro, pois percebia que os mais jovens mostravam-se, às vezes, bem envergonhados em olhar ou trabalhar com os outros colegas. Para este tópico optei também em executarmos diagonais entre duplas, onde um necessitava do outro para realizar o exercício, e muitas vezes, despercebidos, estavam trabalhando em equipe naturalmente, sem qualquer receio.

Após o término de toda parte prática do encontro, tínhamos um momento de avaliação oferecido pela professora orientadora do projeto, onde escreviam ou falavam sobre o que gostavam, o que sentiam falta, como estavam se relacionando



com as propostas, se fazia sentido, etc. As respostas que tive foram de forma geral positivas, principalmente após o momento que passei vídeos de dança contemporânea. Um comentário em particular muito me motivou, onde a vivente mencionou: “*Estar fazendo os exercícios é já tá dançando*” (AULA 3, 05/09/2014).

Reconhecendo o processo de ensino-aprendizagem sempre como algo inacabável, mas processual, e contínuo, esta experiência foi fundamental a partir do momento que me permitiu entrar em contato com um grupo híbrido para dividir minhas experiências como professor-artista, e ainda estar refletindo e repensando metodologias e práticas pedagógicas, além de estar proporcionando o exercício docente no decorrer de minha graduação. Quanto aos corpos dos viventes, percebeu-se que a diferença do primeiro ao último encontro era muito grande, a entrega dos indivíduos as atividades, principalmente as de respiração e relaxamento, que no início se mostravam em desassossego. Novos corpos estavam ali. Entregues. Presentes. Vivos. Dançantes.

Referências

MARQUES, Isabel A. *Ensino da dança hoje: textos e contextos*. São Paulo: Cortez, 2011.

DASCAL, Miriam. *Eutonia: o saber do corpo*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

VIANNA, Klauss. *A dança*. São Paulo: Summus, 2005.